

LINGUAGEM EM FOCO

Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE
V. 7, N. 2, ano 2015 - Volume Temático: *Linguagem e Subjetividade*

“A GALERA ENCOSTADA NA PAREDE COM A MÃO PRO ALTO E OS CARAS APLICANDO BALA DE BORRACHA” – A TENTATIVA DE RESISTÊNCIA À REPRESSÃO POLICIAL E AS CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS DE UMA MANIFESTANTE DE JUNHO DE 2013

*Etyelle Pinheiro de Araújo**
*Liliana Cabral Bastos***
*Liana de Andrade Biar****

RESUMO

Este artigo investiga a relação entre as identidades que uma manifestante de junho de 2013, no Rio de Janeiro, reivindica para si e os episódios de violência policial ocorridos durante os protestos. Tais episódios se iniciaram após o aumento da tarifa de transporte. Compreendemos essas manifestações como parte dos movimentos que se espalharam pelo mundo a partir de 2011, tendo a crise da representatividade como importante motivação para a indignação (CASTELLS, 2013). Nos alinhamos à Análise de Narrativa (BASTOS 2005) e à metodologia qualitativa interpretativista de pesquisa (DENZIN e LINCOLN, 2000), com uma dimensão autoetnográfica (REED-DANAHAY, 2001). Os dados foram gerados em entrevistas com uma manifestante presente no período estudado. Partindo do modelo laboviano, identificamos as narrativas e os elementos que a manifestante torna relevante nas avaliações que faz. A análise foi orientada pela visão socioconstrucionista do discurso e das identidades (MOITA LOPES, 2003). Como resultado da análise, percebemos que a manifestante reivindica identidades que a projetam numa luz favorável, como uma ativista que faz parte da ‘galera da resistência’, porque resiste e permanece nas ruas apesar da repressão policial. Destacamos, também, o conjunto de ações complicadoras que colaboram para a sua construção como heroína, uma vez que ajudou várias pessoas a escapar da repressão policial. Partindo da noção de choque moral (JASPER, 1997), observamos que essas construções identitárias são marcadas por avaliações (LABOV, 1972) que expressam como essa manifestante entende que o choque produzido pela violência policial levou ao ‘esvaziamento das ruas’, quando os protestos já não reuniam multidões.

Palavras-chave: Análise de narrativa. Construção de identidades. Jornadas de junho.

ABSTRACT

This article investigates the identities of one Brazilian protester in the context of June 2013 events in Rio de Janeiro. The “June Journeys” were a series of public demonstrations triggered especially by an increase in transport fare. This approach focuses on the relationship between what the protester claim for herself and the episodes of police confrontation occurred during the protests. These events are understood as part of the wave of social movements that spread around the world from 2011 as well as part of the crisis of representation (CASTELLS, 2013). The theoretical approach is composed by Narrative Analysis (BASTOS 2005) and the qualitative research methodology (DENZIN and LINCOLN, 2000), with a (auto) ethnographic dimension (REED-DANAHAY, 2001). The data were generated in interviews with two protesters who took part in the demonstration. Drawing on the labovian narrative model, we identified the narratives and the discursive elements that were made relevant by the protesters in the assessments they make. The analysis was guided by social constructionist view of discourse and identity (MOITA LOPES, 2003). This research could identify the protester claims identities that design her in a favorable light, as an activist who is part of the ‘gang of resistance’, because she resists and stays in the streets despite police repression. We also highlight the number of complicating actions that contribute to her construction as a heroin, as it helped several people escape police repression. Starting from the moral ‘shock notion’ (JASPER, 1997), we observed that these identity constructions are marked by evaluations (LABOV, 1972) expressing such protester believes that the shock produced by police violence led to the ‘emptying of the streets’, when the protests did not gathered crowds anymore.

Keywords: Narrative analysis. Identity construction. Brazilian demonstrations.

* Mestre em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro – RJ. Endereço eletrônico: etyelle.araujo@gmail

** Doutora em Letras (PUC-Rio). Endereço eletrônico: lilianacbastos@gmail.com

*** Doutora em Letras (PUC-Rio). Endereço eletrônico: lianabiar@gmail.com

INTRODUÇÃO

O contexto mais amplo deste trabalho envolve as manifestações populares na contemporaneidade. A partir de 2011, ocorreram diversos protestos em vários países, que apesar de suas reivindicações específicas, expressavam a crise da representatividade (CASTELLS, 2013) e possuíam características similares como o uso das redes sociais para disseminação das informações e convocação dos protestos e as ocupações de rua de cunho apartidário. Mais especificamente, observamos neste estudo o caso do Brasil, que em 2013 passou por uma onda de protestos que ficou conhecida como Jornadas de Junho.

As manifestações brasileiras se iniciaram com o aumento da tarifa de transporte coletivo em junho de 2013. A partir da repressão policial ocorrida na cidade de São Paulo, essas manifestações foram se espalhando para outras cidades do país, expandindo a pauta de reivindicação para o fim da corrupção, exigências por melhorias nos serviços de saúde e educação, além do questionamento dos gastos com a Copa do Mundo de 2014, dentre outros.

Muitos são os estudos acerca desse período no Brasil. Em nosso trabalho, buscamos entendimentos acerca dessas manifestações a partir de uma perspectiva discursiva, problematizando, centralmente, a relação entre as identidades que os manifestantes reivindicam para si e os episódios de violência policial. Para tanto, delineamos duas perguntas de pesquisa sobre as quais nos debruçamos para a análise dos dados: 1) que narrativas e reivindicações identitárias emergem do discurso dos manifestantes? 2) que papel teria a repressão policial na construção dessas histórias e identidades?

Para o desenvolvimento da pesquisa, partimos da Análise de Narrativa (BASTOS, 2005) e do Socioconstrucionismo (MOITA LOPES, 2001; 2003), levando em consideração o caráter mutável das identidades (BAUMAN, 2005). O estudo se alinha à metodologia qualitativa interpretativista de pesquisa (DENZIN; LINCOLN, 2000) com uma dimensão autoetnográfica (BERGER; ELLIS, 2002). Os dados foram gerados em uma entrevista, com uma manifestante em uma das ocupações de rua na cidade do Rio de Janeiro.

CONTEXTO HISTÓRICO – As Jornadas de Junho

As Jornadas de Junho partiram da reivindicação pela diminuição da tarifa de transporte coletivo, desencadeadas pela luta do Movimento Passe Livre de São Paulo. Na pauta de discussões do movimento estava a catraca como impeditivo do acesso do trabalhador à riqueza do espaço urbano, entendido como um produto do seu próprio trabalho. Ele (o trabalhador) está condicionado ao uso do transporte coletivo (MOVIMENTO PASSE LIVRE, 2013). Partindo, então, do direito à cidade (LEFEBVRE, 1968) a retomada do espaço urbano aparece na pauta dos protestos contra a tarifa, uma vez que esta tornou-se objeto de impedimento para a circulação no espaço urbano.

A partir dos protestos realizados na cidade de São Paulo, em junho, o movimento ganhou visibilidade nacional, tendo em vista a repressão policial e a sua divulgação pelas redes sociais. No Rio de Janeiro, a tarifa de ônibus aumentou no dia 1º de junho, de R\$ 2,75 para R\$ 2,95. Os protestos foram iniciados no dia 10 de junho. Normalmente, se iniciavam de forma pacífica, entretanto, na

maioria das vezes, terminavam com confronto entre policiais e manifestantes. Tais confrontos tinham início ora pela tentativa dos policiais de dispersar a manifestação, ora pela tentativa de depredação de vitrines, fachadas ou veículos por parte de alguns grupos de manifestantes.

O preço das passagens foi revogado no Rio de Janeiro no dia 19 de junho. Entretanto, no dia seguinte, 20 de junho, em centenas de cidades pelo Brasil, milhares de brasileiros foram às ruas protestar. No Rio, a manifestação foi acompanhada por intensa repressão da polícia militar. Primeiramente, a manifestação seguiu de forma pacífica em direção à prefeitura da cidade. Pouco antes da chegada ao local, iniciou-se um confronto entre policiais e alguns manifestantes. Após isso, algumas pessoas permaneceram ali, tentando resistir, reagindo à violência, enquanto outras tentaram retornar. O uso indiscriminado de bombas de gás lacrimogêneo, spray de pimenta e balas de borracha atingiu a todos que participavam da manifestação, ou que simplesmente passavam pelo local.

Para o historiador Lincoln Secco (2013), o papel da interpretação da polícia foi decisivo para o aumento da adesão popular aos protestos. Na dinâmica dos protestos, o autor atesta que foi após uma violenta repressão policial, ocorrida no dia 13 de junho, que se registrou o maior número de pessoas nas ruas em São Paulo, no dia 17. Segundo ele, o ataque a jornalistas e a um movimento com composição social aparente de “classe média” pode ter facilitado a solidariedade ao movimento.

Por conta do aumento da violência e da diminuição da tarifa de transporte, as ruas se esvaziaram. Poucos eram os que se arriscavam a permanecer nas manifestações. No contexto de interação que se formou entre os manifestantes remanescentes nas ocupações de rua¹, permanecer nas ruas após a intensificação da repressão policial se tornou sinônimo de heroísmo. Nesse contexto, a tática *black bloc*² era bem recebida por alguns, pois atuava como forma de proteção.

O engajamento em movimentos populares

Para além da reivindicação da diminuição da tarifa de transporte coletivo, o que mais levaria indivíduos tão distintos a ocupar as ruas em junho? É importante problematizar isso, pois nem toda indignação ou revolta leva as pessoas a participarem de movimentos sociais ou de qualquer ação direta para questionar arbitrariedades e/ou exigir determinados direitos. O sociólogo americano James M. Jasper lança, a esse respeito, a noção de choque moral, que se refere a um trauma que leva os indivíduos à ação coletiva e ocorre quando “um evento inesperado ou partes de informação suscitam um sentimento de indignação que leva um indivíduo a se inclinar para a ação política” (JASPER, 1997:106), ainda que não haja uma organização prévia entre eles.

No complexo processo emocional da transformação da indignação em ação direta, isto é, de participação em movimentos sociais, o autor ainda aponta o trauma, que pode paralisar a ação das pessoas. Sentimentos como suspeita e desconfiança (principalmente das autoridades) podem ajudar as

¹ Contexto que será explicado mais adiante em Aspectos Metodológicos.

² A *black bloc* faz referência a grupos de pessoas que se organizavam para enfrentar a repressão policial na década de 1980 na Alemanha. Nos anos 1990, a *black bloc* ganhou maior visibilidade quando nos Estados Unidos, grupos usando máscaras destruíram fachadas e escritórios de grandes empresas como *McDonald's*, por ocasião da manifestação contra o Encontro Mundial do Comércio na cidade de Seattle. A partir de então, a tática *black bloc*, além de ser um instrumento de defesa contra repressão policial, tornou-se uma forma de ataque a símbolos do capitalismo.

peças a trabalhar o descontentamento na busca por um vilão, um inimigo. É importante a existência deste, pois se configura em alguém para se culpar. Quando há um culpado, os indivíduos buscam demandas concretas para remediar os males causados pela situação com a qual estão indignados.

A partir desse entendimento, observamos como a violência policial pode ter produzido choque moral que suscitou a indignação dos manifestantes para além da reivindicação pela diminuição da tarifa, levando a participarem das manifestações e/ou paralisando-os após a repressão do dia 20 de junho.

QUADRO TEÓRICO

Nesta seção, apresentaremos o aporte teórico que orientou nossa pesquisa: a importância da narrativa para a compreensão da vida em sociedade, a estrutura laboviana que nos orientou para a identificação e análise da narrativa e a visão socioconstrucionista do discurso.

Narrar é um ato comum em nossa sociedade. Ao contar histórias, os indivíduos não apenas transmitem o sentido de quem são, mas também constroem relações com os outros e com o mundo que os cerca (BASTOS, 2005). O princípio organizador da memória humana é narrativo (BRUNER, [1990] 1997). Sendo assim, as histórias estão presentes nas diversas instâncias da nossa vida. Estudar essas histórias é uma forma de compreender a vida em sociedade (BASTOS, 2005).

Segundo Labov (1972), a narrativa é um método de recapitular a experiência passada. Muitas são as formas de se falar sobre experiências passadas, mas nem todas as formas se configuram numa narrativa. Na visão dele, uma narrativa precisa conter uma sequência verbal de orações com uma sequência temporal de eventos que (infere-se) realmente ocorreram. Além disso, uma narrativa precisa conter um ponto, isto é, precisa ser contável (possuir algum fato que o narrador julgue relevante que os outros saibam).

Para a análise da narrativa, Labov (1972) apresenta uma estrutura composta por vários elementos retóricos, além de início, meio e fim. São eles: *resumo* (sumário da história), *orientação* (serve para situar a história, identificar o local e o período em que ocorreu e os participantes), *ação complicadora* (sequência temporal dos fatos, com verbos no passado), *avaliação* (o ponto máximo da narrativa, o porquê de a história ter sido contada), *resolução* (apresenta o que aconteceu após as ações complicadoras) e *coda* (marca o fim da narrativa e também traz a conversa de volta para o presente). Interessamos em nosso estudo três desses elementos: a orientação, a ação complicadora e, principalmente, a avaliação.

Apesar das críticas³, os estudos de Labov abriram caminho para a pesquisa em narrativa nos estudos linguísticos (BASTOS, 2005). E, aplicados em interface com outras teorias sociais, constituem um importante instrumental de análise de narrativas. Sendo assim, em nossa pesquisa aplicamos elementos da estrutura laboviana em interface com outras teorias que concebem a narrativa como forma de organização da experiência humana e possibilitam a construção do conhecimento sobre quem somos na vida social (MOITA LOPES, 2001; BASTOS, 2005).

³ Entre as críticas mais comuns, encontra-se a de que Labov trata a narrativa como autônoma e descontextualizada, o que limita a sua força analítica e o seu potencial como lócus privilegiado para entender o mundo que nos cerca (BASTOS, 2005).

A visão socioconstrucionista do discurso

A visão socioconstrucionista do discurso enfatiza a sua natureza social. O significado, nessa concepção, é construído pela ação em conjunto de participantes envolvidos em práticas discursivas, situados na história, na cultura e na instituição (MOITA LOPES, 2001). Segundo essa visão, três características são fundamentais para o estudo do discurso: é *dialógico* (não é uma formação que se dá em um plano individual, mas como um elo na cadeia de vários discursos que circulam na sociedade), *situado* (se dá um contexto sócio-histórico) e *constitutivo da vida social* (é ação através da qual os indivíduos constroem a si próprios e o mundo).

Entender o discurso com base nessas três categorias amplia a compreensão daquilo que acontece em uma interação social. Posto que a dialogicidade e a situacionalidade exercem influência naquilo que é dito ou que não é dito nas interações, a manifestante entrevistada constrói suas narrativas em função da forma como nossa interação é desenhada.

Narrativas e construções identitárias

A narrativa é uma forma de construir identidades. Entender a identidade como uma construção, é concebê-la numa perspectiva não essencialista. Nessa abordagem, os indivíduos não recebem uma identidade quando nascem. Eles a constroem nas interações das quais fazem parte (BAUMAN, 2005).

Sobre as identidades, Moita Lopes (2003) cita Gee (1990), para quem cada indivíduo é membro de muitos discursos e cada um desses discursos representa uma das múltiplas identidades existentes nesses indivíduos. Dessa forma, um mesmo sujeito pode dispor de vários discursos diferentes, de acordo com as inúmeras situações em que se encontrar, o que denota as ‘multifaces’ que um indivíduo pode ter, as suas múltiplas identidades. Isso quer dizer que a vida é entrecortada por múltiplas identidades e é preciso transitar entre elas de acordo com as práticas sociais nas quais nos envolvemos (MOITA LOPES, 2003).

A identidade também pode ser concebida com base na diferença. Nessa perspectiva, Silva (2000) entende que a identidade é simplesmente aquilo que se é; por exemplo: “sou branco”. Neste sentido, é autônoma, independente, e concebida numa positividade (aquilo que alguém é). Já a diferença, em oposição à identidade, é aquilo que o outro é (“ela é branca”).

A identidade e a diferença estão, nessa abordagem, em uma estreita relação de dependência. A diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativa a outras identidades. Essa marcação é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem se inclui. É, pois, por meio dessa classificação que as diferenças são vividas na sociedade, sendo divididas em pelo menos dois grupos em oposição: nós e eles (WOODWARD, 2000).

Dado o dinamismo das interações e dos contextos nos quais cada indivíduo circula, alguns traços identitários podem se tornar mais relevantes do que outros, o que revela o caráter mutável das identidades. Revela, também, a forma como os indivíduos gerenciam as impressões que transmitem aos seus interlocutores para se construir e manter uma imagem favorável de si mesmos diante dos outros (GOFFMAN, [1959] 2008).

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para o desenvolvimento deste artigo, alinhamo-nos a uma metodologia qualitativa interpretativa (DENZIN; LINCOLN, 2000), buscando entendimentos a respeito de como as formas de organizações da sociedade relacionam-se com as atividades dos indivíduos no processo de fazer escolhas e de conduzir a ação social em conjunto.

Dentro de uma perspectiva interpretativista, este trabalho ainda conta com uma dimensão autoetnográfica, quando o etnógrafo, ao pesquisar o outro, é envolvido na pesquisa de si próprio (DUARTE & GOMES, 2008). Uma pesquisa desse tipo conecta a experiência pessoal do pesquisador com a cultural (BERGER; ELLIS, 2002). Além disso, permite que o pesquisador descreva e reflita sobre a sua própria prática, posto que o sujeito que interpreta é o mesmo que expressa o significado e é autor da investigação (REED-DAHANEY, 1997).

Como participante do contexto pesquisado, assumo determinadas posições durante as entrevistas. É neste aspecto que reside a dimensão autoetnográfica da pesquisa, pois, como sujeito pesquisador que interpreta, expressei o modo como significo as minhas experiências nos protestos ao mesmo tempo que sou também autora da investigação.

Para o desenvolvimento deste estudo, realizamos uma entrevista em caráter de conversa espontânea (com perguntas abertas) com uma manifestante. Partimos da concepção de entrevista como uma coconstrução de significados entre entrevistador e entrevistado (MISHLER, 1986). Os dados foram transcritos segundo o modelo de transcrição de Jefferson (cf. LORDER, 2008).

Dados etnográficos

Após as primeiras manifestações de junho de 2013 acerca das tarifas de transporte público, iniciou-se um outro tipo de protesto, as ocupações de rua. Em frente à casa do governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral Filho, manifestantes montaram um acampamento que tinha como intenção pressionar o governador para que medidas fossem tomadas com relação à violência praticada pela polícia, a melhorias na saúde e na educação, além de outras reivindicações. Na mesma época, outros manifestantes iniciaram uma ocupação (interna, inicialmente) da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, com a intenção de exigir que fosse realizada uma CPI dos transportes públicos. Passados alguns dias, os manifestantes foram retirados, de forma pacífica, de dentro do prédio e ainda permaneceram acampados em frente ao local por cerca de dois meses.

Nas duas ocupações brevemente contextualizadas acima, era comum a permanência de pessoas que apoiavam o movimento, ainda que elas não permanecessem ali acampadas. Era comum também a chegada de indivíduos pertencentes a diversas camadas da sociedade, interessados em saber do que se tratava o movimento. As pessoas que nesses locais se achegavam acabavam sendo envolvidas em conversas que traziam denúncias e questionavam as práticas políticas e econômicas, não apenas da cidade e do estado do Rio de Janeiro, mas do país também.

Em uma dessas ocupações conheci Elaine, uma manifestante engajada nessas ocupações e nas manifestações. Logo quando nos conhecemos, solicitei a ela uma entrevista em caráter de conversa espontânea. Por nos encontrarmos com frequência nas ocupações, acabamos desenvolvendo uma relação mais próxima, situação perceptível na transcrição de nossa entrevista, uma vez que a nossa relação traz uma qualidade mais espontânea à situação de pesquisa.

A entrevista com Elaine ocorreu no dia 24 de agosto em uma das ocupações de rua. O tópicó da entrevista girou em torno dos eventos que ela vivenciou nas manifestações e que considerava os mais repressores e violentos.

NARRANDO A VIOLÊNCIA POLICIAL NAS MANIFESTAÇÕES

Nos debruçaremos sobre as teorias de Labov (1972) a fim de identificarmos as narrativas que Elaine conta, que referem-se à forma como ela organiza os eventos que experienciou (BRUNER, [1990] 1997) durante as manifestações. Valeremo-nos dos conceitos de ponto e avaliação, para percebermos como ela constrói suas identidades ao narrar a experiência de repressão policial pela qual passou na manifestação que considera a mais violenta. Partindo da noção de choque moral (JASPER, 1997), investigaremos como ela torna relevante a repressão policial em sua narrativa. Nesse processo, observaremos como Elaine constrói os policiais em oposição à população, construindo-os como inimigos.

A forma como inicio a entrevista com Elaine é marcada pelos meus interesses em eliciar narrativas. Sendo assim, começo com uma pergunta que a leva a contar uma história.

Excerto 1

01 **Etyelle** eu só queria tipo ouvir: ãh: sei lá(.), qual(.) o:
02 >maior< embate que você já teve com relação a:
03 >ações< da polícia? qual foi, ãhn: sei lá, a:
04 experiência mais: tensa, que você já teve↓

A proximidade que tenho com Elaine é perceptível nas construções linguístico-discursivas das quais faço uso, que tornam a entrevista mais descontraída. Ao construir a pergunta, com pausas e com a expressão ‘sei lá’ (linhas 01 a 04), tento deixar Elaine confortável, para que ela construa sua experiência da mesma forma que faria se nossa interação não estivesse sendo gravada, para que ela não se sentisse inibida. A partir da minha pergunta, Elaine inicia a sua fala elegendo aquele que considera o pior dia de repressão por ela vivenciado.

Excerto 2

13 **Elaine** °deixa eu pensar° (3.0) cara, eu acho que o dia mais,
14 >que eu fiquei mais assustada com a repressão
15 policial< foi o dia 20 (.) da prefeitura
16 **Etyelle** aquela do::
17 **Elaine** foi o dia da prefeitura
18 **Etyelle** ahã, ahã
19 **Elaine** °do choque na prefeitura° (2.) foi realmente
20 assustador↓
21 **Etyelle** por quê?
22 **Elaine** foi perseguição mesmo, sabe com a intenção, quer
23 dizer, a intenção nunca foi dispersar, naquele dia
24 ficou bem claro, é:, qualquer grupo de cinco pessoas
25 que tivesse indo embora eram atacadas. é:

Elaine inicia sua narrativa lançando mão de um resumo, uma pequena prévia dos eventos que comporão a narrativa nas linhas 13 a 15, 22 a 25. Sendo um resumo fortemente avaliativo, na qual ela enfatiza que ‘foi perseguição mesmo’ e que viu as pessoas sendo ‘atacadas’, o que expressa o ponto de sua narrativa, o motivo pelo qual ela elegeu este como o pior dia de repressão. Por meio da prosódia contida nas avaliações de Elaine, percebemos que ela acentua o drama vivido quando diz que viu ‘senhoras, senhores e crianças passando mal e sendo atacadas’. Ela ainda avalia a tentativa de dispersão da polícia como um ataque à população. Dessa forma, Elaine vai construindo sua narrativa que tem como ponto expressar que a repressão policial ocorrida no dia narrado não tinha como intuito dispersar a manifestação e sim, atacar a população, aterrorizar para impedir que esta voltasse às ruas para se manifestar.

Excerto 3

99 **Elaine** NA LA:pa(.)foi, é sério, parecia cena de filme, foi,
100 aquelas, aquelas bombas de gás lacrimogêneo↑ passando
101 pelos arcos, assim, óh (.) eu olhava aquilo↑ sabe?(.)
102 >parecia que eu tava num filme< as pessoas sentadas
103 nos bares e eles aplicando na cara de todo mundo↑ que
104 tava dentro do bar, nesse dia, eu fiquei presa dentro do
105 metropolitan, do lado ali da pizzeria araribá
106 **Etyelle** Ahã
107 **Elaine** eu fiquei↑ eu sentei ainda↑ no chão da lapa↑ tentei
108 resistir↑ a galera fecho a via, eles vieram atacando
109 Todo mundo↑ mas todo mundo indiscriminadamente, (2.0)
110 e aí >quando eles vieram< como eles vieram de moto
111 prendendo↑ e eu tava↑ de de preto↑ né↑ assim, >sem a
112 máscara na cara< mas tava de preto, com a máscara de
113 gás, (3.0) eu entrei no metropolitan, a galera ‘isso
114 sim’ ainda tinha os donos dos bares, eles não
115 querendo↑ que o pessoal entrasse↑ mas nesse dia, foi
116 o dia que eu vi↑ que eles eles desistiram, que eles
117 num, eles tavam se desesperando↑ com o que tava
118 acontecendo] eles tavam deixando entrar, chamando pra
119 entrar e fechando os bares, depois que a gente botou
120 o maior número de pessoas que cabiam, dentro do bar e
121 fechamos, a gente ouvia os tiros de borracha batendo
122 mesmo, em direção ao bar (1,0), sabe? (2,0) e aí,
123 quando cessava, o povo tentava sair do bar pra ver se
124 tinha alguém ferido, alguém precisando entrar, cara,
125 eu saía, eu chegava na porta do bar e ‘pá, pá’ os
126 começavam a aplicar de novo, eu voltava correndo, aí
127 catava mais dois que eu via, desesperados, não tinha,
128 você via o pânico no rosto das pessoas, o porque o
129 intuito foi esse, foi logo depois da ALERJ, né
130 **Etyelle** Ahã
131 **Elaine** eles soltaram, eles deixaram solto na alerj pra poder
132 ter um motivo pra repressão no dia vinte, pras
133 pessoas, que foi depois disso que as pessoas não
134 voltaram mais pras ruas
135 **Etyelle** pois é↑ né, é mesmo↑

Enfatizando os motivos pelos quais concebe este dia narrado, o mais ‘sinistro’, Elaine traz as orientações presentes nas linhas 99, 100, 101, acompanhadas pelas avaliações: “foi, é sério, parecia cena de filme,” (linha 99) “óh (.) eu olhava aquilo↑ sabe?(.)>parecia que eu tava num filme<” (linhas 101 e 102). Quando ela traz essas avaliações, ela acentua o drama pelo qual passou, construindo sua narrativa de forma similar ao que acontece em um filme de ação.

Após avaliar tudo o que estava presenciando, Elaine dá prosseguimento à série de ações complicadoras: “eu fiquei↑ eu sentei ainda↑ no chão da lapa↑ tentei resistir↑ a galera fecho a via, eles vieram atacando” (linhas 107 e 108). Aqui, Elaine faz outra avaliação “TOdo mundo↑ mas todo mundo indiscriminadamente, (2.0)” (linhas 109). A partir dela, infere-se que os policiais não ‘atacaram’, apenas, ‘a galera que fechou a via’, mas ‘atacaram’ também pessoas que não estavam participando da manifestação. É importante observar que Elaine enfatiza a violência com a qual os policiais agiram na manifestação, ‘atacando todo mundo’, pois dessa maneira, os policiais são construídos como vilões, o que os coloca em oposição à população, como o Outro, o inimigo (SILVA, 2000; WOODWARD, 2000).

As ações narrativas na história colaboram para a construção identitária de Elaine como uma manifestante que resiste à repressão. Confirmando essa construção, ela ainda traz a orientação “e eu tava↑ de de preto↑ né↑ assim, >sem a máscara na cara< mas tava de preto, com a máscara de gás,” (linhas 111 e 112). A entrevistada sabe que o uso de roupa preta e rostos cobertos durante a manifestação faz alusão à tática *black bloc*. O fato de Elaine estar usando uma roupa preta durante a manifestação e tornar essa informação relevante durante a nossa interação ratifica, mais uma vez, a sua construção como uma manifestante que faz parte do grupo da resistência.

Quando a manifestante conta que estava de preto e tentou entrar em um destes estabelecimentos, ela diz que os donos dos bares tentaram impedi-la de entrar, mas desistiram, porque eles também estavam ‘se desesperando’ com o que estava acontecendo. Aqui, o conjunto das ações complicadoras possibilita uma construção de si como heroína, pois, ao tentar entrar no estabelecimento, ‘a galera’ que ali estava teria dito ‘isso sim’, aceitando e apoiando a presença de Elaine naquele local. As ações narradas nas linhas 119 a 125, reforça, essa construção, pois Elaine não só ajudou a trazer as pessoas para dentro do estabelecimento, como ainda saiu e ‘catou mais dois’ (linha 128), que precisavam de ajuda.

Sobre a repressão do episódio narrado, Elaine faz uma avaliação: “o porquê <o intuito foi< Esse foi logo depois da ALERJ, né” (linhas 130) “eles soltaram, eles deixaram solto na ALERJ pra poder ter um motivo pra repressão no dia vinte, pras pessoas,” (linhas 132 e 133). Tal avaliação culmina com o ponto de sua narrativa: a repressão não tinha como intuito dispersar a manifestação, mas retirar a população das ruas, usando o medo, a violência extrema. Ela ratifica essa avaliação narrando a manifestação que aconteceu na ALERJ, no dia 17 de junho, quando manifestantes invadiram e depredaram o local. A manifestação do dia 17, segundo Elaine, não fora acompanhada de grande repressão e, por isso, haveria “motivos” para a polícia “exagerar” no dia 20, para justamente evitar novas tentativas de depredação dos patrimônios públicos e privados e ‘aterrorizar’ a população como forma de impedi-la de voltar às ruas.

Se problematizarmos o trecho em que Elaine diz ‘eles deixaram solto na ALERJ pra poder ter motivo pra repressão do dia vinte’, entendemos que o ‘eles’ pode não se referir apenas aos policiais, mas ao governo como um todo, afinal de contas, a polícia militar, enquanto corporação, está subordinada ao Governo do Estado do Rio de Janeiro, por meio da Secretaria de Estado de Segurança. Nesse sentido, seria interessante para o governo se as pessoas não voltassem mais para as ruas.

Por fim, Elaine encerra a narrativa com uma coda (“que foi depois disso que as pessoas não voltaram mais pras ruas”- linhas 134 e 135). Reforçamos aqui a compreensão da violência policial como choque moral (JASPER, 1997), que gerou trauma e paralisou a população, levando ao ‘esvaziamento das ruas’.

Nesta narrativa, destacamos as construções identitárias de Elaine, que a projetam numa luz favorável (GOFFMAN, [1959], 2008) como uma ativista que faz parte da ‘galera da resistência’, isto é, que resiste e permanece nas ruas apesar da repressão. Destacamos, também, o conjunto de ações complicadoras que colaboram para a sua construção como heroína, uma vez que ajudou várias pessoas a escapar da repressão policial. Vimos que essas identidades são tornadas relevantes durante a construção do ponto de sua narrativa e, também, por meio das avaliações e orientações que Elaine traz.

CONSIDERAÇÕES

O olhar narrativo para as manifestações de 2013 possibilitou compreender como a manifestante entrevistada organiza suas experiências nos protestos ao narrar a repressão policial e, nesse processo, constrói identidades que a projetam numa luz favorável durante a nossa entrevista.

As análises empreendidas partiram do objetivo mais geral da pesquisa: problematizar, centralmente, a relação entre as identidades que os manifestantes reivindicam para si e os episódios de violência policial. Retomando as perguntas de pesquisa, observamos em: 1) *que narrativas e reivindicações identitárias emergem do discurso dos manifestantes?* que Elaine, se baseia na narração daquele que considera o ‘pior dia de repressão’ que levou ao ‘esvaziamento das ruas’ e se constrói como uma manifestante que permanece nas ruas apesar da repressão e como uma heroína, ao ajudar outras pessoas a se proteger da violência policial durante o protesto; em 2) *que papel teria a repressão policial na construção dessas histórias e identidades?* que Elaine faz uso de uma estratégia que opõe a polícia à população ao narrar a forma como os policiais foram violentos ao perseguir os manifestantes, aterrorizando-os e ao atacar pessoas que simplesmente pelo local do protesto.

Dada a relevância atribuída à violência policial nas narrativas, buscamos compreender tal violência como choque moral (JASPER, 1997), como mais um elemento que produziu revolta, para além do aumento da tarifa de transporte coletivo. Além disso, conforme Elaine explicitou em sua narrativa, tal violência também gerou um trauma que paralisou os indivíduos, o que levou ao ‘esvaziamento das ruas’, quando os protestos já não reuniam tantas pessoas.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, L. C. Contando estórias em contextos espontâneos e institucionais: uma introdução ao estudo da narrativa. **Calidoscópio**. vol. 3, n. 2, p. 74-87, 2005.
- BAUMAM, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi/ Zygmunt Baumam. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BERGER, L.; ELLIS, C. Composing autoethnographic stories. In: ANGROSINO, M. V. **Doing Cultural Anthropology**. Prospect Heights. IL: Waveland Press, 2002. p. 151-166.
- BRUNER, J. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, [1990] 1997.
- CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- DENZIN, N.; LINCOLN, Y. 2006. The discipline and practice of qualitative research. In: N. DENZIN; Y. LINCOLN (org.) **The handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: Sage, 2000, p. 1-27.
- DUARTE, L. F.; GOMES, E. C. **Três famílias**: identidades e trajetórias transgeracionais nas classes populares. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.
- ELLIS, C. **The ethnographic I**: a methodological novel about autoethnography. New York, Oxford: Altamira Press, 2004.
- GEE, J. P. **Social linguistics and literacies**. Ideology in discourses. Bristol: The Falmer Press, 1990.
- GOFFMAN, E. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. 15. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, [1959] 2008.
- JASPER, J. **The Art of Moral Protest**: Culture, Biography, and Creativity in social Movements. Chicago: Chicago University Press, 1997.
- LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, [1968] 2008.
- LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. In: **Language in the inner city**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LODER, L.L. O modelo Jefferson de transcrição: convenções e debates. In: L.L. LODER; N.M. JUNG (org.) **Fala-em-interação social**: introdução à análise da conversa etnometodológica. São Paulo: Mercado de Letras, 2008, p. 127-161.
- MISHLER, E. G. **Research Interviewing**. Context and narrative. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

MOITA LOPES, L.P. Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. In: RIBEIRO, LIMA E LOPES DANTAS (orgs.). **Narrativa, Identidade e Clínica**. Rio de Janeiro: IPUB, 2001.

____. **Discurso de Identidades**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

MOVIMENTO PASSE LIVRE – São Paulo. Não começou em Salvador, não vai terminar em São Paulo. In: HARVEY, D.; MARICATO, E.; DAVIS, M; BRAGA, R. ZIZEK, S.; entre outros. **Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

REED-DANAHAY, D. **Auto/ethnography: rewriting the self and the social**. Oxford, Berg, 1997.

SECCO, L. As Jornadas de Junho. In: HARVEY, D.; MARICATO, E.; DAVIS, M; BRAGA, R. ZIZEK, S.; entre outros. **Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, Vozes, 2000.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, Vozes, 2000.